

Revista Pandora Brasil

[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)

CARTAS ADOLESCENTES

Celso Lomonte Minozzi

INTRODUÇÃO MANIFESTO

Uma das características da cidade contemporânea é a sua diluição diante dos processos formadores de sua própria construção e significação. Encontramo-nos numa era de transitoriedades e impermanências que atuam diretamente sobre a nossa capacidade de retenção de memória e ação consciente. O ser político da cidade não se funda mais no território físico da cidade, mas na vultosa fantasmagoria de suas imagens. Somos seres andarilhos, um ser ‘seres’ andarilho nas imagens instáveis de um mundo que se reconfigura com rapidez. O ser apático confunde-se com um olhar despreocupado na mesma dimensão em que a sensação de domínio esconde/revela o ser dominado, pois que nosso olhar busca valores que já não existem mais.

IMAGEM

Observar a sociedade pelas formas da cidade é buscar compreender os espaços e os ambientes urbanos como construções poéticas que evidenciam a nossa existência nos cenários de seus dramas, tragédias ou comédias.

É comum viver a cidade e não se dar conta das histórias que dentro dela são contadas, tão acostumados que estamos diante de seu cenário ao mesmo tempo em que forçamos a dar valor à cidade pela sua analogia ao abrigo, pela qualidade de ambiente que nos protege de clima, que nos facilita o transporte, e que nos permite realizar nossos desejos de crença, cultura, negócios.

Nós a vemos com suas ruas e avenidas lotadas de automóveis e, rapidamente, nossa imaginação nos busca colocar em outro lugar, normalmente numa paisagem outra que não aquela na qual estamos numa paisagem outra na qual a nossa existência possa ser mais prazerosa.

Esta dualidade proposta entre a cidade vivida e a paisagem de prazer é uma das condições que marcam a existência nas grandes metrópoles, nas cidades contemporâneas que extrapolaram o sentido físico em seus limites e permitem incentivar a multiplicação de imagens com as quais a cidade contemporânea se faz.

A paisagem como imagem de prazer não está destituída de uma realidade, pois que existe no imaginário de cada passo que damos por um caminho, existe no conjunto das possibilidades que uma memória coletiva invade os imaginários ao dar valor, mesmo que de forma rápida, aos lugares pelos quais passamos.

A Rua Augusta é uma das musas urbanas pela intensidade das imagens que ela provoca, forçando que nos revelemos, mesmo que de maneira íntima, diante de sua força inspiradora.

Medimos não matematicamente as possibilidades destas imagens que se multiplicam em vida cotidiana de comércio diurno, das crianças que por ela andam e brincam os dias de sol e as noites de passeio, compras e cultura.

À intensidade das imagens cotidianas de multidão e força econômica se mesclam as imagens de espaços outros, as esquinas de prostituição e as calçadas escuras, os lugares das baladas e as pessoas de sombra/imagem.

Quem por ali passa que não é assolado pelo conjunto destas possibilidades? Quem não se admira no irrefletido dos gestos ao especular as tramas e os meandros das vidas que por ali ocorrem?

A memória da claridade da noite se mistura às imagens das sombras do dia ao entrarmos nas vilas da Rua Augusta e nos depararmos com um estranho mundo que habita realidade e imaginação. A paisagem de prazer que indica uma fuga da cidade é apenas uma destas

possibilidades imaginárias que nela habita e revela o segredo que somos, cada vez mais, seres sem lugar.

As imagens da cidade não são mais estáveis como os monumentos de pedra, mas são móveis como a fala das línguas e perenes como uma foto polaróide.

A contemporaneidade é veloz e a memória a ela aplicada é fugaz, o sentido da cidade se esvai na dissolução de sua forma como entende Massimo Cacciari no seu livro “A Cidade”:

“A cidade contemporânea é a grande cidade, a metrópole (este é, com efeito, o traço característico da cidade planetária). Toda a forma urbis tradicional foi dissolvida... Agora só existe uma forma urbis, ou melhor, um processo único de dissolução de toda e qualquer identidade urbana.” (CACCIARI: 2010 p.31)

A dissolução das grandes cidades fica desta maneira, determinada pelos fluxos de significados e pelos intensos e constantes processos de mutação gerados pela velocidade de superprodução. A velocidade da razão entre construção/destruição desmonta os processos de memória e identidade, impede a vinculação dos modos de vida nos lugares da cidade e dissolve a relação entre espaço e tempo na sua produção.

Continua Cacciari (2010) sobre a cidade contemporânea:

“Acabamos por ‘hospitalizar’ a nossa memória, tal como as nossas cidades históricas, ao fazermos delas uns museus. Hoje estamos numa fase seguinte... A cidade-território impede toda e qualquer forma de programação deste gênero.” (CACCIARI, 2010:32 e 33)

Dobras e desdobras, que somadas seduzem o nosso olhar abrem-se na expectativa ingênua de sua simples existência, os territórios da cidade também são sutis e fugazes tanto quanto a aplicação da memória coletiva na significação das cidades.

A velocidade dos tempos e universalidade das trocas configura parte do diagrama de forças que rege o mundo e a vida das metrópoles: redes de fast food e roupas de corte internacional somam-se ao desenho genérico das cidades e seus envidraçamentos opacos.

IMAGEM HÍBRIDA

A opacidade de nossas cidades esconde/revela o conjunto dos cenários que produzimos para as nossas existências e por ela se reconfigura um novo sentido de verdade não mais duradoura, mas consistente apenas no seu momento presente.

Cada cenário sugere uma vivência, em cada cenário reinterpretamos nossa existência. A soma dos destinos que estes múltiplos cenários oferecem é que nos assombra e nos paralisa diante de um ritmo de vida que não nos sentimos preparados.

A alteração dos ritmos é a alteração dos tempos, e a simbologia dos momentos que na cidade se vive não sustenta a continuidade de seus ritos. A permanência dos valores se esvai na alteração dos ritos de vida, de memória, de significação.

A cidade contemporânea expõe a vida contemporânea: um rito híbrido na imagem urbana de realidade/virtualidade em sentidos que não se completam.

Neste sentido de uma existência híbrida é possível inserir a vivência adolescente em busca de um lugar que permita sua existência.

O adolescente é, por definição, um ser sem lugar, pois que se situa num rito vital de exclusão corporal, social, psíquica. O rito de passagem é uma prova na qual o jovem (homens e mulheres demonstram sua maturidade de formas diferentes) é retirado física ou simbolicamente do meio social e instado a enfrentar a nova condição da maturidade.

Pensar um jovem que sai do abrigo do meio social (a família como instância psíquica, a aldeia como instância ambiental) compreende o seu afastamento daquilo que em seu meio original é permanente e contém o valor e propriedade de uma existência em sociedade. Seu afastamento e sua ausência são reinserções sociais para que o jovem os mereça e a estes valores dê continuidade.

A continuidade das sociedades se inscreve nos seus marcos de permanência como escreve Marc Augé em seu livro “Não-lugares” (2008):

“O monumento, como indica a etimologia latina da palavra, pretende ser a expressão tangível da permanência ou, pelo menos, da duração. É preciso haver altares aos deuses, palácios e tronos para os soberanos, para que não fiquem sujeitos às contingências temporais. Eles permitem, assim, pensar a continuidade das gerações. O que expressa bem, à sua maneira, uma das interpretações da nosologia africana tradicional que pretende que uma doença possa ser imputada à ação de um deus irado ao ver seu altar negligenciado pelo sucessor daquele que o edificara. Sem a ilusão monumental, aos olhos dos vivos, a história não passaria de uma abstração. O espaço social é repleto de monumentos não diretamente funcionais, imponentes construções em pedra ou modestos altares de terra, em relação aos quais cada indivíduo pode ter a sensação justificada de que, para a maioria, eles preexistiam a ele e a ele sobreviverão.” (AUGÉ: 2008 p. 58)

Os lugares urbanos estão diretamente relacionados com a memória coletiva e sua possibilidade de constituir significados na cidade que representem as instituições sociais ou histórias coletivas, até individuais. As relações de identidade entre a sociedade e a cidade são construídas a partir desta possibilidade da memória ser ativada pela “ilusão monumental”.

Tal ilusão confere ao adolescente uma sensação de que algo continua e que seu drama diante dos valores de sua sociedade abrirá uma condição futura que valora sua existência adulta, produtiva ou não. Dizer sim ou não é apenas um detalhe.

Traduzir os andares adolescentes dentro dos shoppings como uma derivação do antigo footing das praças é um erro, pois vivemos uma época na qual estamos perdendo esta

“ilusão monumental” ao mesmo tempo em que os ambientes virtuais estão desconstituindo as possibilidades da memória em significar espaços e transformá-los em lugares.

Os adolescentes vivem no sistema híbrido real/virtual em que as vivências sociais se multiplicam num estranho teatro dramático pelo qual as imagens fantasmáticas da cidade não mais são providas de valor.

Não há registro fácil de projetos urbanos que levem em conta os adolescentes como seres em evidência e com existência diferente de adultos. Há apenas uma acomodação do mundo adulto e sua atual fortíssima máquina de consumo à vivência adolescente moldando-o à outra ilusão: a da satisfação plena de seus desejos nas formidáveis paisagens virtuais das vidas secundárias e na complacente sociedade de consumo.

É de sua aparente complacência que se retira sua força e sua forma de poder que se expande sobre o mundo adolescente como uma forma de capacitação: do gasto, como uma forma de reconhecimento: consumidor.

A sociedade de consumo não necessita do adolescente como aquele que compra, porque não é por este meio que ela realiza sua façanha. É pela ausência de valores relativos para coisas e fatos que se estabelece a força de suas entranhas e o rito da vida admite nenhum valor...

IMAGEM URBANA

Uma jovem está atravessando a rua. Seu olhar está dirigido para sua frente sem fixar qualquer ponto, apenas dirigido para um ponto indefinido expondo a sua indiferença com o que acontece ao seu redor. Automóveis freiam para que ela atravessasse como se eles não estivessem lá. Extrapola a noção do direito de existência social na falsa analogia da inevitabilidade da morte. A vida é regida por uma regra sem valor.

A indiferença com a rua (valor máximo da noção política urbana) pode ser associada a outros pontos da cidade como os lugares de compra, condomínios fechados, portas de supermercados, seu quarto. Não importa o que se exercita numa sociedade de consumo é o ajuntamento de individualismos como explica Zygmunt Bauman em “Modernidade Líquida” (2001) ao comentar os espaços físicos de consumo:

“Por mais cheios que possam estar os lugares de consumo coletivo não têm nada de ‘coletivo’. Para utilizar a memorável expressão de Althusser, quem quer que entre em tais pedaços é ‘interpelado’ enquanto indivíduo chamado a suspender ou romper os laços e descartar as lealdades”.
(BAUMAN: 2001, p. 114)

Mapas da existência adolescente são estruturados a partir de relações de ações individualistas nas quais quem que por definição lugar não tem não consegue mais sentir as dores do rito e permanece inerte na complacência de uma sociedade que aprisiona.

Onde jovens se reúnem para se relacionarem nos condomínios? Em praças acantonadas nos pontos de demarcação patrimonial que não foram interessantes para venda.

Os não lugares adolescentes são marcas da virtualidade contemporânea e inferem a frágil ação da memória enquanto forma motriz significativa. A adolescência se torna uma condição social imposta a jovens a qual os paralisa nas suas formas de individualismo.

IMAGEM OUTRA

O graffiti é uma das marcas da contemporaneidade das cidades. Embora não seja uma expressão particular do adolescente urbano confunde-se com as formas rápidas e efêmeras, com os gritos de um ambiente calado pela distância. Sua expressão amplia na virtualidade a busca de novas espacialidades urbanas.

Pois que se confunde também com a complexidade do regime das aparências na cidade contemporânea sempre construída e reconstruída na intensidade de sua extensa opacidade ou a perda da sua transparência.

Há uma alternância, uma mutação no regime das aparências derivada dos processos comunicacionais dos objetos, da política, das gentes. A opacidade da cidade e de suas construções substitui a busca das essências do tempo e de suas determinações proposta pela modernidade.

A cidade moderna exibiu a mecânica causalidade da repartição, do módulo ideal e da produção industrial, através de classificação de áreas urbanas – setores organizados – e da classificação das áreas internas das habitações e, conseqüentemente, das pessoas e seus comportamentos. O brutalismo das matérias apresentava nas arquiteturas o sentido político como uma de suas matérias essenciais e formadoras, a arquitetura na era da máquina era essencialmente política.

Por uma realidade do pensamento moderno Ignási de Solá-Morales (2010) entende dois princípios: o primeiro era o do funcionalismo, o segundo o da transparência:

“A transparência era um logro estético, mas era também uma proposta política. A transparência em arquitetura era antiherárquica, anticlássica, representava a plena incorporação das possibilidades oferecidas pela moderna ciência e a tecnologia, abria o caminho a uma reconciliação entre os espaços do indivíduo e da sociedade, do indivíduo e da natureza.” (MORALES, 2010:97)

A opacidade traduz a perda da racionalidade funcionalista assim como a perda das relações sistêmicas e a relação aberta e causal entre os elementos propostos: o indivíduo, a sociedade, a natureza, a liberdade, a razão, o espaço dentro e o espaço fora.

A SOCIEDADE DA SUPERPRODUÇÃO COBRA A SUA CONTA

A cidade contemporânea é a sociedade dos resíduos de sua indústria e tem na sua realidade ambígua e antinômica o belo e o feio como agentes de um campo estético e de um campo extra-estético e uma infinidade de objetos nas suas relações ‘entre’, pois a cidade contemporânea é o resultado “da indústria e do mercado” (Cacciari, 2010).

A opacidade do nosso tempo encontra-se nesta infinidade de objetos sem finalidade, carregando o nosso desejo a uma beleza despreocupada e irrefletida como o ‘flâneur’ de Walter Benjamin.

As metrópoles da superprodução alteraram o seu espaço urbano na dissolução de suas formas, de seus significados e de seus fins. O campo marginal é inerente a todos os ambientes da cidade e indica o campo propício de uma expressão sem compromisso com o

equilíbrio de partes e finalidades estéticas, caracterizada pela dissolução como prova de sua contemporaneidade e a efemeridade como dissolução dos significados: o graffiti.

Os nossos ambientes urbanos expõem a multiplicidade dos nossos sistemas semiológicos num aparente amontoado denso e estável, escondendo nesta mesma multiplicidade sua fragilidade e instabilidade.

O graffiti como expressão tênue e fugaz encontrou espaço na fragilidade da contemporaneidade e da sua também fugaz certeza de realidade. Nascido no ambiente do hiphop na década de 70 incorpora o diagrama de forças das sociedades negra e latina: sua fragilidade social e sua economia de expressão cada vez mais forte.

A batida rítmica do hiphop incorpora os ritmos das ruas e sua realidade em estado bruto, a rua como ambiente público e fator de apropriação, os sons quebrados na intermitência dos significados da cidade, a cidade como cenário constituído por imagens diante de uma sociedade que pensa por imagens. A sociedade videoclipe diante de uma cidade videoclipe.

O ambiente próprio do mundo adolescente aqui se reconfigura com a expressão dos graffiti e as imagens de uma cidade em fragmentos. O graffiti encontra o mundo adolescente como um grito possível de existência e força.

Ao ritmo e às inscrições dos nomes na cidade, o graffiti incorpora a força política dos muros parisienses de maio de 68. A visão política impulsiona uma nova forma de expressão que rápido passa de mera inscrição de grupos para um novo estabelecimento de arte urbana.

O graffiti como arte urbana carrega consigo esta característica como explica Armando Silva em seu livro “Imaginarios urbanos” (2006):

“O popular trouxe consigo a expressão obscena como ferramenta discursiva, os ditos e lendas populares e o desenho blasfematório. Enquanto isto o universitário trazia o dito inteligente, a escrita política, a frase célebre, o desenho abstrato ou, em todo caso, uma elaboração artística com alcances plásticos e informativos. Estas imagens e escritas

deixavam de ser obedientes e dóceis a uma ideologia marxista revolucionária em termos de grande política, e se tornavam ícones expressivos e confabulatórios de uma sociedade em sua vida diária.” (SILVA, 2006:39)

Ao estudar trabalhos feitos em graffiti, citando o ‘Projeto Passagem’ na ligação dos passeios da Rua da Consolação na cidade de São Paulo, Silva (2006) propõe o graffiti como um registro visual com forte característica de iconoclastia urbana, indicando o descolando da origem das mensagens do graffiti com a origem urbana dos muros nos quais estavam expressos.

Tal iconoclastia tanto dissolve as formas urbanas dos muros e dos cenários, quanto dissolve o próprio graffiti como mensagem efêmera, refazendo constantemente o seu significado mesmo quando da insistência de sua permanência.

O graffiti é um sintoma dos resíduos informacionais de uma sociedade da superprodução e de uma metrópole voltada à indústria e ao mercado. A efemeridade dos significados e a perda da espacialidade da cidade permitem o seu entendimento como um conjunto de cenários planos: imagens.

A metrópole contemporânea excede a sua própria matéria de suporte informacional ao destituir as instâncias de significação que possam tornar os espaços plenos e tridimensionais.

A planificação dos ambientes urbanos está voltada à própria visão que uma sociedade em mosaicos tem de si mesma, uma coleção de clipagem em vídeo descontínuo, um olhar fragmentado sobre a ilusão de continuidade e clareza da supremacia dos processos de produção e sentido.

A fragilidade de uma sociedade em videoclipe se expressa na efemeridade de uma nova espacialidade produzida pela intervenção do graffiti como cenário semiótico superposto ao cenário matérico da cidade.

A arte, insistente e urbana, conduz aqui a possibilidade de uma saída do campo inerte da adolescência, esta estranha sombra platônica, para a visão do mesmo: a multiplicidade das imagens híbridas da cidade, a impermanência e a noção ambígua dos seres.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. Lisboa: Edições 70. 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- CACCIARI, Massimo. **A cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- CAUQUELIN, Anne. **Teorias da arte**. São Paulo: Martins, 2005.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. – **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34. 2004.
- GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2008.
- GUATTARI, FÉLIX. **Caosmose**, São Paulo: editora 34, 1992.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000.
- LIERNUR, Jorge Francisco. **ARQUITECTURA, EN TEORIA**, Buenos Aires: Nobuko, 2010.
- RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Editora 34: São Paulo, 2009.
- SANTAELLA, Lucia. **Estética**. São Paulo: Ed. Experimento. 1994.
- SILVA, Armando. **Imagários urbanos**, Bogotá: arango editores, 2006.
- SOLÁ-MORALES, Ignasi. **Territorios**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 2002.
- TAFURI, Manfredo. **Projeto e Utopia**, Lisboa: Editorial Presença, 1985.

VÁZQUEZ. Carlos Garcia. **Ciudad hojaldre. Visiones urbanas del siglo XXI.**
Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 2004.